

JOAN MIRÓ - Cabeça/1937



MOVIMENTO INSTITUINTE

Uma visão panorâmica do mundo contemporâneo mostra com clareza a onipresença de uma crise de vastas proporções. Os aspectos econômicos desta crise afetam gravemente aos países do Terceiro Mundo que, na atualidade, coincidem aproximadamente com o que se costuma denominar o Sul, pobre e subdesenvolvido.

Mas a crise afeta também ao chamado bloco americano do Norte, particularmente a seu sócio menos favorecido, México e, por outra parte, também o chamado bloco dos tigres asiáticos prevê, para os próximos anos, fenômenos locais de recessão e problemas devidos as reações protecionistas das outras potências com as quais o Japão, por exemplo, tem tido uma balança comercial altamente favorável.

A verdadeira crise da quase abortada Comunidade Européia não está sendo devidamente difundida. Países como Portugal, Espanha, Itália e Inglaterra acabam de sofrer desvalorizações de mais de 30% em suas moedas, por relação ao dólar, e passam por uma recessão e desemprego consideráveis, e a Alemanha Ocidental enfrenta sérios inconvenientes devido a seus esforços por integrar o setor oriental. Que dizer das nações da ex União Soviética, que se debatem em um total fracasso de suas tentativas de economia de mercado?

Além dessa crise econômica se acrescenta, em geral, uma crise política, de gravidade variável, pela qual os povos têm deixado de confiar em seus sistemas de Governo, tanto seja nas ditaduras do Proletariado, como nas Democracias Burguesas. Os Estados se mostram incompetentes, onerosos e corruptos, e os eleitores mostram sua decepção com elevadíssimos índices de ausentismo eleitoral. Obviamente a crise é integral, e compreende também a ética, a integração e a coesão social das nações.

○ Movimento Instituinte Internacional, conjunto amplo e não orgânico de iniciativas destinadas a produzir, aperfeiçoar e defender a vida no planeta, sustenta, de diversas maneiras, em todos os lugares e há décadas, que tudo isto é resultado da vigência generalizada dos denominados Sistemas Heterogestivos de administração da existência social.

○ Os coletivos humanos, governados por forças, entidades e agentes que supostamente "representam" seus interesses e desejos, acabam sempre traídos, dominados, explorados e mistificados em diversas proporções.

○ Movimento Instituinte Internacional postula a adoção gradual ou súbita de sistemas estritamente auto-gestivos, - nos quais os povos protagonizam de forma direta e real todos os atos necessários para o planejamento e a execução que são indispensáveis para sua sobrevivência e bem-estar. Este processo deve realizar-se em cada grupo, estabelecimento, organização... e ainda dentro da subjetividade de cada indivíduo.

Diversas modalidades desse modo de gestão tem-se desenvolvido na história e se sustentam atualmente em diferentes partes do mundo, mas alguns deles têm sido pensados e se exercitam por meio de procedimentos de raiz acadêmico-científica.

Entre estes se destacam a sociopsicanálise, a Análise Institucional e a Esquiza-análise. Cada uma destas tendências possui recursos cognoscitivos e técnicos que podem ajudar a que as comunidades, organizações e outros tipos de agrupamentos tratem de passar de formas heterogestivas de funcionamento a outras de caráter auto-gestivo, que sejam singulares e próprias para cada situação e cada tempo.

○ Os profissionais que prestam este tipo de serviços, estão geralmente agrupados em equipes, e formam parte autônoma do Movimento Instituinte antes mencionado.

No Brasil esta qualidade de serviços tem-se desenvolvido apreciavelmente, e existem muitas organizações capazes de responder às demandas dos coletivos que optem pela autogestão, a qual, apesar de suas indiscutíveis vantagens, não é uma condição fácil de adquirir e requer, às vezes, longos e intensos esforços.

Do que se pode estar seguro, é de que, se existe alguma solução para a ameaçadora situação atual, a mesma deve passar pelo protagonismo pleno e ativo dos povos de seu destino.

POR GREGÓRIO F. BAREMBLIT

ANARQUIA OU NOVA ORGANIZ

ITALO JORGE FURLETTI

ANALISTA JUNQUIANO

A atual diretoria do Psind depara agora com seu último ano: neste sentido, estamos abrindo um processo para formação de chapa com a possibilidade de dar prosseguimento e inovações de diretrizes políticas implantadas nas questões anteriores (ações pró-sociais). Assim vamos realizar um curso sobre a *Análise Institucional* com o intuito de formarmos uma equipe capacitada à liberação de potências cerceadas por maquinismo de variadas espécies, que parecem estar levando a humanidade a uma catástrofe no eco-sistema. E nós da entidade, dentre os vários sistemas, priorizamos a ecologia da subjetividade, envolvemo-nos na responsabilidade como instituição e até mesmo como indivíduos portadores de um conhecimento específico para fazer, de alguma forma, - superficial ou não - determinadas leituras institucionais e intervir nos processos instituídos ou instituintes de agenciamento de sujeição e de opressão na subjetividade humana, seja na relação de trabalho, na vida doméstica ou em qualquer instituição que o indivíduo esteja inserido. O objetivo básico é desencadear dispositivos que capacitem os coletivos a saírem da condição de sujeitos, a tornarem-se sujeitos de seu próprio processo.

Se faz necessário novos paradigmas dentro de nossos sindicatos e instituições de representação profissional. Falando especificamente de nosso sindicato, agora que possuímos reconhecimento e estrutura estabelecida, abrimos as portas de nossa entidade para o "novo", ou, até mesmo para o "absurdo", quem sabe? Mas sei que, nessa construção, também é importante a conciliação epicurista - o prazer é o sumo bem do homem e que todos os nossos esforços devem tender a obtê-lo em função da cultura e na prática da virtude.

Esse revolucionário espaço aberto, melhor dizendo, o espaço possibilitando micro-revoluções, é fruto de um caminho dos psicólogos na vanguarda institucional. Nesta caminhada o Psind possui algo de interessante pelo fato de estar passando pela sua terceira gestão e possuindo nove anos de vida, caracteriza-se por ser uma entidade nova e inovadora. Já possuidora de uma história significativa no contexto sindical. Narrarei uma síntese sobre essa construção (como toda síntese pode deixar a desejar em alguns aspectos).

A primeira gestão teve seu papel de se constituir como entidade representativa do psicólogo como trabalhador. Foi uma labuta árdua de uma pequena recém-nascida instituição, mas com grande onipotência, abraçou o mundo sindical de uma só vez. Neste sentido lógica-

mente muita coisa escapou, porém faço dois destaques:

- liderou o movimento sindical para inédita realização de concursos públicos;
- numa época de tremenda crise sindical devido a retenção por parte do governo sobre o Imposto Sindical, o Psind conseguiu ampliar sua infra-estrutura, momento este em que os sindicatos de mesmo porte estavam fechando suas portas.

A segunda gestão, surgiu com um projeto social com um embasamento teórico calcado na psicanálise tendo duas ações relevantes:

- o departamento cultural com cursos e exibição de filmes, atendendo grande parcela da categoria em função da clínica;

- Reuniões junto a categoria no próprio local de trabalho (indo onde se encontrava o profissional).

Esta gestão enfrentou uma grande dificuldade para executar seu projeto, pois em seu primeiro ano se discutia intensamente se fechava ou não o sindicato em função de uma nova organização sindical que estava em voga na época: sindicato por ramo de atividade econômica. O que vem a ser isso? Se entendia que seria o fim dos sindicatos de categoria (ex.: categoria dos psicólogos, médicos, odontólogos, assistentes sociais, etc.). Cada profissional se filiaria ao sindicato que o representaria, intermediaria, ou

reivindicaria melhores condições de trabalho e remuneração frente a empresa a que ele prestasse seus serviços. Isso quer dizer: se o psicólogo trabalhasse por exemplo na Mannesman, ele se filiaria ao Sindicato dos Metalúrgicos. Sua organização deveria ser junto com os profissionais que enfrentam dificuldades pertinentes ao trabalho ou a empresa, aglomerando forças para o poder de negociação ao invés de reivindicar melhorias de formas isoladas ou com pouca aderência. Conseqüentemente, se a categoria não tiver representatividade majoritária, dependerá mais da sensibilidade ou conscientização do empregador do que da eficácia do Sindicato para conquistar suas reivindicações.

Nesta segunda gestão, após vários encontros e análises, concluiu-se que sindicato por ramo de atividade é a organização mais saudável e viável em termos de desenvolvimento social por ter uma visão e ação num coletivo mais amplo, ao invés de ficar voltado especificamente para sua classe profissional.

Os sindicatos organizados por categoria correspondem no meu entender, a uma forma de individualismo a nível institucional.

A atual gestão (terceira) dentro da mesma linha, está trabalhando neste sentido, possuindo uma preocupação em não deixar a categoria acéfala e percebendo

OS SINDICATOS, A SUBJETIVIDADE, OS PRECONCEITOS

O sindicalismo e o fim do século

RAQUEL CORREA FERREIRA

PSICÓLOGA, ANALISTA INSTITUCIONAL E PSICANALISTA

Os sindicatos vivem hoje uma situação de grandes alterações, e mesmo conflitos de condução, situação essa que se apresenta muitas vezes como uma falta de direção, e outras como uma rigidez, e que afeta diferenciadamente os vários tipos de sindicatos. Todo este panorama é consequência, em grande parte, das alterações políticas, que o mundo de hoje nos apresenta, a partir da queda do Muro de Berlim, mas que aí não se esgota. Junto a isto, e a uma leitura deturpada ou reducionista da sociedade, sobre o que ocorreu nesse mundo chamado socialista, sem uma análise aprofundada das questões do poder, entrecruzam-se questões novas e questões outras próprias deste fim de século: a ecologia da natureza e a ecologia do social.

Se o neoliberalismo tem levado o mundo à exarcebação do privado, vem gerando conjuntamente uma ganância sem precedentes, e uma exploração da natureza, que denuncia o seu esgotamento, ou seja, o esgotamento de seus potenciais - o homem vem descobrindo que a natureza pode acabar, e que há que se legislar sobre seu uso. E no caso do 1º item abordado (o poder) podemos superpor a questão da ecologia social - a da convivência social, que vem se montando sobre um mundo de poder e que pode arrasar com qualquer utopia, mesmo quando se propõe o mais ideal dos governos; e que pode arrasar com a convivência social, estabelecer guettos (ex: nacionalismos, corporativismos, burocracias, hierarquias pesadas). O homem começa a vislumbrar, que se não cuidar urgentemente de seus relacionamentos, vai cair em repetições bárbaras.

Aqui, também, entra o neoliberalismo, propondo como forma de superar mais uma das cíclicas crises do capitalismo, estratégias e táticas anti-ecológicas "novas" e/ou aprimoramento de antigas para superá-la (a crise). 1. Vamos produzir mais e melhor - TQT. O treinamento passa a ser Qualidade e Produtividade - para se obter nova concentração de renda e capital. Esses métodos de TQT vem infiltrando-se por todos os lados via "os profissionais liberais" pouco afeitos à análise do capital e suas consequências - treinadores de pessoal, a serviço de quê? Junto ao TQT, apresentam-se algumas técnicas de lazer e recreação (e não mudanças reais que gerem tempo livre). Surgindo, orientações no sentido da diminuição do número de chefes ou sua eliminação mesmo, e envolvimento de todos com todas as tarefas, dando a impressão às vezes, de uma autogestão (que nunca chega ao central, que é o capital) na realidade co-gestões.

Em segundo lugar, aparece a negociação como a grande arma política atual - outro amplo capítulo.

Minha pergunta é: que reflexões vêm fazendo, e quais podem fazer os sindicatos (e o nosso especificamente) sobre a questão do poder? sobre a questão das técnicas de produtividade e qualidade? sobre a autogestão? sobre a relação autogestão e capital?

Todos estes temas levam a controversas questões complexas, num país subdesenvolvido, onde a educação e formação profissional inexistem praticamente - para onde levariam a Qualidade Total ou as qualificações? As qualificações geralmente (ou sempre) são unilaterais - dirigem-se as novas concentrações de renda. E além disto não levam a novas distribuições de lazer e prazer. Qualidade joga

com mais um tema - com o da garantia de empregos (algo desejável ou indesejável?).

Aludo aqui, apenas, a questões que interessam intensamente os sindicatos, questões essas que se conectam com condutas que levam a uma intensificação do capital, ou que podem ser analisadas em seus micro aspectos e serem fragmentadas em linhas de fuga que levem a algo novo, se uma ação rapidamente agir sob essas linhas de fuga.

Jogo perigoso, onde há que se ler nas entrelinhas com extremo cuidado, se se quer encontrar linhas de fuga - que levem à auto-gestão, ao lazer, ao tempo livre, aos encontros produtores do novo, e não aprimoramento do capitalismo.

Apesar de todo o crescendo neoliberal, vozes e sons novos surgem aqui e ali - sons de tentativas de auto-gestão, real autonomia das subjetividades, funcionando em grupo - tanteios de horizontalidades nas empresas e nos sindicatos. Criações decorrentes de crises e insatisfações que atravessam todo o século 20.

Agora uma questão que nos diz respeito intensamente. Os sindicatos, como foram montados para as questões de classe e dos assalariados, tem se debruçado nada, ou mal, sobre a questão dos autônomos em sentido geral, e de sua importância política. A possibilidade do desmonte do Estado passa muito mais por um reforço das singularidades autônomas e agrupamento das mesmas, do que pela ênfase do papel do Estado e sua hierarquia, ou o estudo tipo da "responsabilidade é do Estado".

Quanto mais enfatizarmos "o papel é do Estado", mais poderemos estar afastando subjetividades em grupo a agirem de tal forma, a acordar a sua responsabilidade, e a sua ação institucional conjunta.

O estudo sobre o profissional autônomo pode ser uma importantíssima linha de fuga na estrutura atual, que nos permita novos agrupamentos com muito mais possibilidade de se fugir aos instituídos das macroempresas, (que exige um estudo dos entrecruzamentos com toda a rede de macroempresas mundial) em que tudo vem determinado de cima, mas, trabalhos com linhas de fuga, não fazem se superficialmente, mas só com complexas análises, inter e transdisciplinares do macro aos micro de todos os tipos.

Todo este levantamento panorâmico traz envolvida uma proposta diferente da usual para os sindicatos; sua ação vem consistindo na "defesa da categoria", na questão salarial, e tem levado a corporativismos, os mais daninhos à sociedade como um todo é a defesa do um, contra o bem de uma maioria social, no sentido conjuntural social, político, econômico. O estancamento dos sindicatos por corporações, é idêntico ao estancamento dos saberes, de todos os tipos e, principalmente, o dos profissionais "autônomos" entre si.

No que diz respeito ao psicólogo, especificamente, há problemas que nos dizem respeito, e que uma vez estudados, poderiam reverter numa transformação social e profissional que levasse ao conjuntural:

- a diversidade de campos onde o psicólogo está inserido: saúde, educação, comunidade, transportes, esportes, indústria, consultórios - ou seja, todas as áreas existentes pedem um psicólogo; reflexão sobre sua entrada teórica, técnica e influências e consequências que essa entrada gera no político e no social, e que, muitas vezes, o psicólogo desconhece;

- reflexão sobre a relação e

...ÇÃO?

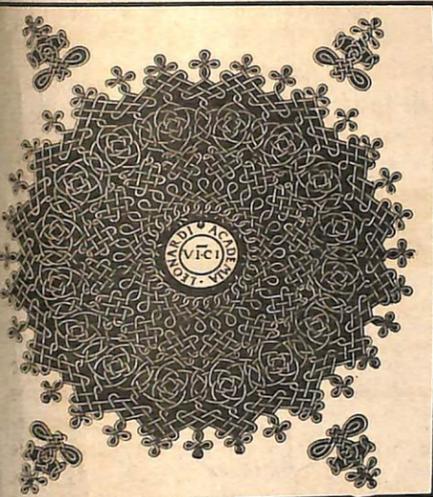
... a necessidade de uma outra forma de organização fora dos padrões atualmente estabelecidos. Dentre os projetos apresento dois que mantiveram coeso o pequeno grupo até hoje:

... trabalhos em função da criança e do adolescente economicamente carente.

... trabalhos em função de nova organização junto ao CRP-04, Sind-saúde Ações Institucionalistas. (melhores trabalhos vide primeiro jornal da terceira edição, Psicoinforma nº 11 - novembro de 1992).

Nesses trabalhos cabe citar Guattari: ... Portanto, uma micropolítica do desejo não se proporia a representar as massas e a interpretar suas lutas. Isso não quer dizer que condena, a priori toda ação de partido, toda idéia de linha, de programa, ou mesmo centralismo; mas ela se esforça para situar a realização sua ação, em função de uma prática micropolítica, opondo-se passo a passo aos hábitos repressivos, ao burocratismo, ao autoritarismo moralizante que contaminam atualmente os movimentos revolucionários"...

Entende-se por micropolítica do desejo a escuta de enunciados, mesmo sendo apenas um indivíduo, em conexão com um funcionamento coletivo composto de diversos fluxos complementando o funcionamento do inconsciente aberto a fatores econômicos, sociais, políticos, estéticos, ecológicos, afetivos, etc... seja, o inconsciente maquínico.



O nó de Leonardo, feito com um único fio, é um meandro contemplantivo que, quando desenredado, leva ao coração de nossa natureza

recruzamento com outras áreas autônomas" ou não;

... reflexão sobre a defesa de mercado e os sindicatos e conselhos criam, incluindo um enriquecimento do próprio trabalho do psicólogo e sua aplicação a toda a sociedade;

... reflexão sobre os estancamentos locais, étnicos, regionais, éticos, econômicos gerados pela forma e métodos de como seu saber psicológico é induzido e também por consequência outros estancamentos vigentes;

... estudo, reflexão e ação sobre o poder presente em todas as instituições e organizações, facilitando sua alteração permanente com técnicas e teorias adequadas;

... estudo e reflexão sobre a subordinação do sindicalista.

... reflexão sobre os sindicatos por ramo de produção e os sindicatos por setor de atividade e destes com os de "profissionais liberais" leva a entrecruzamentos transdisciplinares extremamente interessantes.

... psicologia e sindicalismo. Estará o sindicalismo na trilha da destruição ou da criação?

AS ANÁLISES INSTITUCIONALISTAS

CIBELE RUAS DE MELO

PSICÓLOGA, PSICANALISTA, E ANALISTA INSTITUCIONAL E DIRETORA DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE, ESTUDOS E PRÁTICAS INSTITUCIONALISTAS

As correntes institucionalistas oferecem maneiras inovadoras de se abordar as questões enfrentadas pelos coletivos humanos nas organizações (tais como os sindicatos), nas escolas, nas comunidades.

Valorizando as práticas inovadoras, desejantes, dão a oportunidade de se compreender os impasses e conflitos enfrentados pelos agentes sociais a partir das lógicas que estruturam as organizações onde estes estão inseridos, e que muitas vezes representam obstáculos para uma praxis efetiva transformadora, capaz de oferecer às pessoas uma possibilidade de ação mais coerente com seus anseios.

A partir do raciocínio de um interjogo constante entre os instituídos (as estruturas tais quais estão concebidas e institucionalizadas) e as forças instituintes (que incitam à criação, à transformação), permite uma releitura das organizações e uma possibilidade de mudança - sempre no sentido libertário, produtivo.

Muitos têm sido os obstáculos que hoje enfrentam as organizações em geral, e os sindicatos em particular: a desagregação, os sectarismos, o enrijecimento, os estancamentos. Os métodos habituais de se lidar com esta problemática têm encontrado seus limites, colocando as organizações em situações de impasse.

A dimensão da crise que enfrentamos atualmente coloca, de forma peculiarmente forte, desafios a todas as entidades que planejam ter uma ação social, libertária, transformadora. Este é o caso do Sindicato dos Psicólogos, como de muitas outras organizações com propostas semelhantes.

O institucionalismo, valorizando a atividade desejante dos agentes que compõem e animam as estruturas, vem permitindo vislumbrar novos rumos, produzindo uma forma de inserção mais

harmônica, mais participativa, mais efetiva.

Há muito se sabe que as estruturas tem enorme poder de resistência às mudanças: temem sua própria destruição, receiam a perda do "controle" da situação. Ora, este enrijecimento e esta centralização do controle e do poder é que as têm levado a uma situação-limite que lhes tem mostrado sua fragilidade, sua ineficiência.

O temor ante o novo é característico de todas as instituições, na sua pretensão de entenzar-se, manter-se intactas. Daí a "resistência" que muitas vezes caracteriza os debates sobre a importância de se promover uma análise institucional nas organizações.

A vocação à consolidação é notoriamente conhecida: todas as organizações, uma vez instituídas, tendem à autopreservação. Daí o temor às mudanças, às transformações.

O resultado deste movimento de rigidificação é o estabelecimento de um descompasso entre as novas necessidades surgidas com o devir social e aquelas que foram, por sua vez, e num momento histórico importante, a inspiração para a institucionalização. Este descompasso gera estancamento, impossibilita uma atuação produtiva de todos os agentes envolvidos: estes são compelidos a ocupar funções delimitadas desde organogramas ultrapassados, tolhendo-lhes a iniciativa, a capacidade inventiva, a possibilidade de ser agente de transformação da estrutura da qual faz parte. O resultado é a apatia e o desânimo, que acompanham a descrença de se poder fazer de acordo com o que se deseja.

Apartados de sua força desejante, capaz de gerar o novo, os agentes tornam-se seres de repetição, robotizados - mas ressentidos, porque o desejo de produção é uma força incansável, que não deixa de apresentar-se sempre, embora o sistema encontre sempre maneiras eficazes de neutralizá-la.

As organizações, assim montadas,

acabam por repetir, no seu funcionamento, vícios de um sistema social notoriamente inadequado e pleno de injustiças e desconsiderações: tornam-se fisiológicas, funcionam "por funcionar", recusam-se a encontrar novas formas de cumprir o importante papel regulador da sociedade e das ações coletivas para o qual foram criadas. É uma forma de "patologização" semelhante à esclerose, tão bem exemplificada pela burocracia que costuma emperrar, dificultar, impedir os fluxos de um funcionamento mais livre, mais arejado pelos ventos das transformações que o devir social produz.

O que o institucionalismo promulga é a crítica da montagem social, possibilitando detectar-se ali, no seio de cada organização, o que esta repete de uma estrutura arcaica, tornada inadequada pelas exigências procedentes do desejo - no sentido produtivo, criador, transformador. Entender a função que esta organização passa a exercer como suporte de toda uma estrutura social que acaba por manter a centralização do poder, as ilhas de privilégio, a divisão da sociedade em classes dominantes e massas submetidas a algum tipo de opressão e destituição.

Reverter essa situação, fazendo aflorar os não-ditos institucionais, fazendo fluir as potências inerentes a cada nível institucional, possibilitando o surgimento de novas e melhores formas de se organizar, sempre dentro de uma Utopia Ativa de formas mais justas de existir coletivamente, esta é a proposta da análise institucional, coerente, enfim, com as propostas de todas as organizações que priorizam os ideais de justiça e liberdade. Para terem efeito as utopias precisam manter-se ativas, mesmo quando sua concretização nos parece muito distante.

Uma nova diretoria, que tenha uma vocação institucionalista, como a atual já tem tentado, pode ser uma força instituinte, seja nos meios sindicais, seja no social como um todo.

SINDICATO E AS MICROPOLÍTICAS: INVENÇÃO COLETIVA

PATRICIA AYER DE NORONHA

PROFESSORA DO NÚCLEO DE PSICANÁLISE, ESTUDOS E PRÁTICAS INSTITUCIONALISTAS

Como disse Nietzsche: "O homem é quem cria valores. A vontade de potência se efetua em novas realidades materiais, sociais, atualizando as forças afirmativas da vida.

Inventar não é o mesmo que fabricar. Não é mudar as peças dentro de uma mesma lógica. Trata-se de fazer aflorar novas formas de existência, outros universos de referência, outra concepção de sociedade. Trata-se de embaralhar os meios e fins conhecidos, e mais, de criar outros meios numa incansável mutação do mundo."

Em Mil Platôs, Gilles Deleuze e Félix Guattari, no texto "Micropolítica e Segmentariedade", trabalham a temática da segmentarização espacial e social do homem. "O homem é um animal segmentário": está segmentarizado binariamente (as posições homem-mulher, adulto-criança, negro-branco...); circularmente (meus assuntos, de meu bairro, de minha cidade, estado país...) e linearmente, em que cada segmento se refere a processos (a família, a escola, o exército, o ofício...).

Segundo os autores, as sociedades modernas não se distinguem das primitivas pela clássica dicotomia dos etnólogos: sociedade centralizadas-modernas e segmentárias-primitivas (estas, sem poder centralizador, sem estado). Nas sociedades modernas o que se dá é que os segmentos sociais são pré-determinados, ordenados, rígidos e operam de forma a ressoarem todos num mesmo centro - o poder, a razão de estado.

"A tecnocracia opera por divisão de trabalho segmentário. A burocracia existe graças à compartimentação dos despachos. A hierarquia é piramidal."

As sociedades primitivas organizadas em clãs, tribos, conselhos tribais, linhagens,

relações variáveis segundo as tarefas, possibilitam que as conexões entre os diferentes segmentos sociais se deem de múltiplas maneiras. Há portanto dois tipos de segmentariedade: uma "primitiva", flexível e outra "moderna", dura. Contudo, os dois tipos se interpenetram: "as sociedades primitivas tem núcleos de dureza, de poder centralizado, embora tais núcleos não ressoem todos sob um mesmo poder centralizador. As sociedades modernas estão imersas em um tecido flexível, permeado de fluxos, intensidades que não cessam de agitar os segmentos sociais estabelecidos."

Toda sociedade, e o indivíduo, estão atravessados por estes dois tipos de segmentarização; os quais constituem o aspecto molar e molecular da organização social. Por molar se entende o que é da ordem dos organismos e entidades representativas, das corporações, da Igreja, Exército, dos códigos, e sistema legais; enfim, o que se denomina instituído e se refere às estratégias e lutas macropolíticas. Ao aspecto molecular da organização social, correspondem às micropolíticas, às micro-invenções (que escapam ao organizado), às conexões inéditas, flexíveis de fluxos materiais e sociais possibilitando devires, movimentos e formas de ação inteiramente novos.

As macropolíticas e as micropolíticas estão interpenetradas, são inseparáveis. Entretanto, Guattari nos aponta para uma questão muito pertinente: - as lutas sociais não podem mais, no âmbito do Capitalismo Mundial, se circunscrever às estratégias macropolíticas, de representação, de lideranças partidárias, das entidades e suas formas clássicas de lutas econômicas e políticas.

As micro-lutas, as micro-organizações, as micro-invenções (na linguagem, nas relações entre os sexos, entre gerações, com a natureza, no uso das técnicas e teorias, na organização dos espaços urbanos, da apren-

dizagem e ensino...) são tentativas que afirmam novos valores, frustram a interiorização do modelo capitalista, desmontam a lógica Estatal. Lógica da representatividade, da distribuição e classificação binária dos homens (o louco/o saudável; a bicha/a lésbica; o público/o privado, o psíquico/o social). Lógica do pensar-verdadeiro (as verdades teóricas!), do universal, dos modelos. Por sua vez, as micropolíticas efetuam as potências desejantes dos coletivos no campo social - desejo que não é um fluxo pulsional indiferenciado, mas que é essencialmente produtivo, e não sendo exclusivamente psíquico, atua no Real, e é inseparável de agenciamentos heterogêneos - de fatores econômicos, tecnológicos, éticos, culturais, ecológicos, étnicos, etc.

As contribuições de Gilles Deleuze e Félix Guattari são férteis em fornecer inspiração para a tarefa sindical de repensar suas lutas, debruçando-se sobre sua praxis afim de identificar e desmontar os funcionamentos cristalizados, hierarquizados (de forma vertical), corporativistas, segregativos, que reproduzem a Imagem Estado (a lógica do Estado) na organização e ação sindical.

E fica aberto o espaço para a invenção coletiva de dispositivos que façam proliferar e intensificar - intra e extra entidade - as lutas em múltiplas dimensões. As lutas das minorias étnicas, sexuais, econômicas; as lutas por transformações nas relações geracionais, no espaço urbano; as lutas ecológicas nas relações com sensibilidades atípicas, com o "louco"; as lutas que buscam novas relações entre os saberes (científicos, artísticos, religiosos; populares), novos funcionamentos dos coletivos (em termos auto-gestionários)... Mais que proliferar, trata-se de articular as micropolíticas tecendo uma rede em que as diferenças se expressem e possam se conectar na tarefa incansável de mutação do mundo.

Dois amantes não mantêm uma vida em comum, mas também não conseguem separar-se. Vivem no maniqueísmo: riqueza x pobreza, grotesco x requinte, sonho x realidade e razão intelectual x emocional sentimento. Realmente os opostos se atraem por um complexo desejo clamando por unidade no caminho da individuação em que o antagonismo é sintetizado, é conciliado com o amadurecer do tempo. Complicado desejo que os possuía tal qual uma entidade encarregada de levá-los a conhecer os umbrais do paraíso na supremacia do ser, para depois soltá-los a mercer do encandecente Hades.

Contrariando os padrões culturais, o filme revela a função pensamento na mulher e a função sentimento no homem. Ela função pensamento auxiliado pela intuição. Ele função sentimento auxiliado pela sensação.

Um bom e belo filme a ser visto: bom pela riqueza dos pensamentos e diálogos dos protagonistas; e belo pela fotografia e a representação de uma vida com paixão e amor de dois seres antagônicos e ao mesmo tempo complementares. Melhor ainda deve ser o livro - a história de George, uma linda intelectual francesa de requintada educação e de um simples pescador escocês com bruta formação, na narrativa recebeu o nome de Gavin. Nome de um poeta que vem a significar a coragem dos que perderam as batalhas, mas não suas almas. Leitura esta onde acredito que se possa absorver e envolver o encanto da narrativa da autora que aborda o amor

TELA DE ENRICO SCOTTA



A PELE DO DESEJO

A PELE DO DESEJO (The Salt On Our Skin)
França/Canadá/Alemanha.. Andrew Birkin (1h51).
Elenco: Greta Scacchi/Vincent D Onofrio.

ÍTALO JORGE FURLETTI - ANALISTA JUNQUIANO

desarmando os preceitos da razão. Lembro-me de um popular dito de Pascal: "O coração tem razões que a própria razão desconhece". A história através do romantismo vem afirmar a filosofia de Schopenhauer - embora não querendo - que as formas racionais da consciência é a essência de todas as coisas seriam alheias à razão, ou seja a razão estrutura e justifica a vida tanto como fato acontecido como potencialidade; mas a existência é concebida em algo sem propósito através de um querer irracional e inconsciente. É retratado a filosofia de Shopenhauer em que viver é sofrer, porém relata de forma leve e emocionante o fato trágico da vida. Observe Gavin citando um verso de Matthew Arnold: "Ah, amor, sejamos sinceros um com o outro pois o mundo que parece deitar-se frente a nós como uma terra de sonhos. Tão variado, tão lindo, tão novo. Não tem realmente uma certeza, nem amor, nem luz. Nem certeza, nem paz, nem ajuda contra a dor e estamos aqui numa planície que escurece levados para confusos alarmes de luta e vôo, onde exércitos ignorantes chocam à noite. " Viver é realmente sofrer e a felicidade uma ilusão a aliviar a dor de existir".

É passado uma certa mensagem que o amor se torna possível devido ao fato de lidar com a falta.

Um dito é negado: "O sexo não faz o amor". Através das almas que se repeliam, inversamente as suas peles se atraíam na realização alquímica de uma "grande obra" sobre a vida ativada pelo fogo do amor.

NOTAS

CONVÊNIO

Se você que é sindicalizado tem direito a vários convênios. Consulte nosso Guia.

FREUD A DISPOSIÇÃO

O PSIND recebeu uma doação do companheiro José Dias Pereira, de uma coleção das Obras Completas do Freud, que se encontra à disposição em nossa sede para consulta e xerox.

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Se você é psicólogo de Posto de Saúde Municipal e julga que trabalha em condições insalubres, entre em contato com o PSIND. O Departamento Jurídico estuda a possibilidade de ajuizar ação reivindicando o adicional de insalubridade para estes profissionais.

PSIND PROMOVE CURSO

CONTRIBUIÇÕES DO INSTITUCIONALISMO

SOCIOPSIKANÁLISE - GERARD MENDEL

ANÁLISE INSTITUCIONAL - R. LOURAU

ESQUIZOANÁLISE - G. DELEUZE & F. GUATTARI

PERÍODO: Abril a Junho

CARGA HORÁRIA quizenal

ÀS QUARTAS-FEIRAS DE 19:00 ÀS 21:00 HORAS

VAGAS: Por Seleção

Condição de Inscrição: Apresentação de Justificativa

INFORMAÇÕES: (031)295-4115

G R A T U I T O

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Demonstrativo do período de 01.01.93 a 31.12.93

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (CR\$)
01. Gastos do Sindicato	1.943.077,58
2. Contas a Pagar - posição em 01/01/93	6.162,05
3. Caixa/Bancos/Aplicação Finan. em 31/12/93	5.201.331,33
TOTAL GERAL	7.150.570,96
4. Receitas do Sindicato	6.942.644,11
5. Contas a Pagar - posição em 31/12/93	102.877,59
3. Caixa/Bancos/Aplicação Finan. em 01/01/93	105.249,26
TOTAL GERAL	7.150.570,96

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

SEMINÁRIO

FÓRUM EM DEFESA DA SAÚDE PÚBLICA

DIA 26.03.94 - MINASCENTRO (AUDITÓRIO GRANADA)

psicoinforma

Informativo do Sindicato dos Psicólogos MG

JORNAL DO SINDICATO DOS PSICÓLOGOS DE MINAS GERAIS
DIRETORIA: ÍTALO JORGE FURLETTI (PRESIDENTE) - ANSELMO DUARTE (VICE-PRESIDENTE) - MARIÂNGELA LUNA CARNEIRO (TESOUREIRA) - MARIA AUXILIADORA BARROS MORAIS (SECRETARIA) - TÚLIO BATISTA FRANCO (DEP. DE SAÚDE)
COMPOSIÇÃO E ARTE: DESKTOP PUBLISHING
PSIND: AV. AUGUSTO DE LIMA, 1646 - SL 605 - TEL: 295.4115

Impressão: Fumarc

IMPRESSO

